



Memória e cotidiano em pautas de cidade: leituras de reportagens de Eleuda de Carvalho¹

Thiago Mendes de OLIVEIRA²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de investigar como a cidade e a memória se configuram em temas centrais nos textos da jornalista Eleuda de Carvalho, repórter do jornal cearense *O Povo*. Por meio do método de análise de conteúdo, busca-se compreender como essas categorias são abordadas em três reportagens. Conclui-se que, por meio da humanização das circunstâncias e dos relatos, Eleuda apresenta a experiência de vida dos personagens em sua relação intrínseca com a memória coletiva e com a constituição de um saber cidadão. As narrativas expõem a vida cotidiana, por meio de leituras sobre cidade e memória, como essência da substância social e do acontecer histórico.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; memória; jornalismo; reportagem

1 INTRODUÇÃO

A jornalista Maria Eleuda de Carvalho é graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, onde, posteriormente, viria a cursar Comunicação Social. Desde 1982 atua na Rádio Universitária da UFC – primeiro como bolsista e depois como locutora.

Eleuda de Carvalho começou a trabalhar no jornal *O Povo* tão logo concluiu a graduação, em 1995, logo deixando o emprego para dedicar-se ao mestrado sobre a obra *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Ainda cursando a pós-graduação, a jornalista retornaria em 1997 ao jornal, onde permaneceria até 2007. Deixou novamente a Redação naquele ano para se dedicar ao doutorado em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina com pesquisa sobre as memórias da Guerra do Contestado.

Eleuda ganhou o Prêmio de Jornalismo da ACI de 1998 pelo caderno especial “Caminhos do Conselheiro” – projeto, aliás, que motivou o retorno dela para *O Povo* em 1997. Foi também finalista do *Prêmio Esso de Reportagem* (mais tradicional

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Jornalismo Científico pela mesma Universidade. E-mail: thiago_mendes@ymail.com. A pesquisa foi orientada pelo professor José Ronaldo Aguiar Salgado, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Literatura pela mesma Universidade.



premiação jornalística brasileira), em 2000.

A jornalista nasceu no município cearense de Jaguaruana (na região Jaguaribana), num lugar chamado “Perereca”. As narrativas orais da tradição do interior do Ceará marcariam a formação da jornalista, que, mais tarde, teria o universo sertanejo como mote para reportagens de grande fôlego escritas no jornal cearense *O Povo*. Apesar da clara filiação de Eleuda com a tradição interiorana nordestina, ela também tem vasta produção ligada a personagens que constroem a paisagem urbana de Fortaleza e aos espaços que integram a memória afetiva da cidade.

A partir da pesquisa em 25 meses de jornais nos arquivos da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, selecionamos dez reportagens para o trabalho monográfico de conclusão de curso. Para este artigo, selecionamos três reportagens em que o cotidiano é trabalhado sob o ponto de vista dos aspectos memorialísticos. São elas: *Navegador de Planetas*; *Antes do português: língua de índio e francês* e *Pastorinhas, ciganos galegos e o diabo na folia do Zé Taé*.

2 TODAS AS CIDADES, A CIDADE DA REPÓRTER

Unidade espacial primeira para a qual se volta o olhar jornalístico, a cidade é elemento importante na compreensão do objeto aqui em questão. O ambiente urbano é palco de grande parte dos acontecimentos reportados pelos meios de comunicação social. A cidade abriga as congregações, os impasses, as tensões e o imponderável – matérias-primas da notícia e da reportagem.

Do mesmo modo, não se pode tratar da produção de autores que incursionam entre os campos literário e jornalístico – seja na prática do gênero crônica, seja na escrita de reportagens que se encaixam na categoria de *jornalismo de autor* proposta por Cremilda Medina (1990) – sem tratar da relação entre escrita e cidade.

Apesar das divergências conceituais – que envolvem termos como *jornalismo literário* ou *jornalismo de autor* –, utilizamos o termo *jornalismo de autor* para fazer referência à prática jornalística mais próxima dos códigos literários e à postura da humanização das circunstâncias. São outras características desse estilo segundo Medina: a forma híbrida de liberdades interpretativas e a marca individualizada de quem produz o texto. Sobre o tema das relações entre jornalismo e literatura, consultar: (DE CASTRO e GALENO, 2005; FARO, 1999; JOBIM, 1992; LIMA, 1990; OLINTO, 1960; PENA, 2006; SALGADO, 2006).



Identificando nos textos de Eleuda de Carvalho uma produção jornalística aproximativa dos códigos literários, partimos da relação do escritor com a cidade para atingirmos a relação do profissional de imprensa com a cidade. Em tal estudo, detemo-nos a compreender a Fortaleza (ou as “Fortalezas”) presente(s) nas reportagens da jornalista Eleuda de Carvalho. Comenta Eleuda sobre a relação da jornalista com o urbano:

Eu tento todo esse lance com o sertão e é incrível como trabalhando com estes temas, constroem de mim a imagem de uma figura sertaneja. Eu até gosto disso. Eu até acho isso legal. Mas a minha cidade, a onde eu me reconheço, a onde eu me vejo é esta daqui. (...) A minha cidade é Fortaleza (ROCHA, Pedro. Bordados de uma cabloca (sic) de barro e ferro. Entrevista com Eleuda de Carvalho. Disponível em < <http://www.overmundo.com.br/overblog/bordados-de-uma-cabloca-de-barro-e-ferro>>).

Diante dessa identificação da jornalista com a cidade em que habita e da significativa presença do urbano nas reportagens de Eleuda de Carvalho, buscamos elucidar que leituras sobre Fortaleza emergem dos textos da jornalista. O que a cidade-texto se mostra à leitura inventiva e humanizada da repórter?

A leitura da cidade a partir de elementos inanimados do espaço urbano, todavia, é insuficiente, pois não podem ser abstraídas dessa análise as histórias de vida de quem habita esse espaço. Ou como anota Massimo Canevacci, em *A cidade polifônica*: “As memórias biográficas elaboram mapas urbanos invisíveis” (CANEVACCI, 1997, p.22).

Ao admitirmos que a cidade forma um texto a ser lido, qual a postura a ser adotada pelo pesquisador, ou o jornalista, na tarefa de descrever um fenômeno tão plural? Elementos naturais – os existentes e os usurpados do uso comum do povo –, construções, memórias biográficas, poluição, violência – são vários os signos que podem ser postos em evidência nessa compreensão.

Não à toa, Massimo Canevacci trata da polifonia como objeto e como método no exercício da antropologia urbana. Ao explicitar tal escolha, o autor explica em que sentido entende o adjetivo presente no título da obra *A cidade polifônica*:

(...) significa que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam; e também designa uma determinada escolha metodológica de “dar voz a muitas vozes” (CANEVACCI, 1997, p.17).



De acordo com Canevacci, compreender uma cidade significa colher fragmentos. “E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas” (CANEVACCI, 1997, p.35).

De modo análogo, Renato Cordeiro Gomes defende que o sujeito que empreende uma leitura da cidade, na tentativa de apuração da totalidade, está fadado ao fracasso. “Sabe que decifrar/ler esta cidade é cifrá-la novamente, é reconstruí-la com cacos, fragmentos, rasuras, vazios, jamais a restaurando na íntegra. Oferece um novo texto cuja imagem é necessariamente fraturada, descontínua” (GOMES, 1994, p.37).

Num olhar bastante próximo do proposto por Canevacci e Gomes, os textos de Eleuda de Carvalho passeiam por várias cidades sem pretensões totalizantes ou demarcatórias de divisões – como centro *versus* periferia, por exemplo.

Do bairro Mucuripe vem a história de vida de um pescador e do antigo pastoril celebrado no bairro; o corre-corre urbano está na avenida 13 de maio, passarela de Naninha. Não poderiam ficar de fora do olhar da repórter mais dois espaços: a Praça do Ferreira, quando em matéria publicada no dia 1º de abril, Eleuda entrevista os “mentirosos” que rondam aquele espaço; bem como a Barra do Ceará, local das origens da colonização do Estado.

Ampliando o leque de opções da sociabilidade no espaço urbano, ela nos convida a passeios por locais em que a lógica vigente não é a do compromisso. No Beco da Poeira, na Praça do Ferreira, nas casas do Mucuripe e da Barra do Ceará ou num edifício do Centro imperam as temporalidades ditadas pelo andamento da conversa despreziosa com marcas da afetividade e do acolhimento.

3 A MEMÓRIA NO COTIDIANO DA PAUTA

Os textos de Eleuda de Carvalho, ao se voltarem para a cidade, expõem e colocam em debate temas do cotidiano. Nesse contexto, as práticas cotidianas aparecem das mais diversas formas. São os modos de habitar, encontrar-se, vender, etc.

Na obra *O Cotidiano e a História*, a pensadora húngara Agnes Heller tematiza a vida cotidiana sob o ponto de vista filosófico-antropológico, situando-a como uma das “esferas heterogêneas”, tais como a produção, as relações de propriedade, a estrutura política, a moral, a ciência, a arte, etc. Para a autora, a vida cotidiana é responsável pelo



crescimento individual e pelo “tornar-se homem”, pois, é na relação consciente com a comunidade que o indivíduo forma sua “consciência de nós”, além de configurar-se também sua própria “consciência do Eu”.

O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão (HELLER, 1989, p.18).

Para Heller, a vida cotidiana “é a vida de todo homem”; “é a vida do indivíduo”; “é a vida do homem inteiro” – expressão cunhada por Georg Luckás (HELLER, 1989). Michel de Certeau, por seu turno, caracteriza as práticas cotidianas na obra *A invenção do cotidiano* como “táticas”, ou seja, ações calculadas que são determinadas pela ausência de um “próprio”. Por “próprio”, o autor entende “*uma vitória do lugar sobre o tempo*”. O “próprio”, segundo o autor, permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. Enquanto o “próprio” é um gesto da modernidade científica, política e militar; a tática é arte do fraco (CERTEAU, 1999).

De modo simplificado, Certeau quer nos dizer que, por meio de práticas cotidianas como habitar, ir às compras ou cozinhar, os consumidores enveredam por caminhos desviantes do sistema em que elas se situam, esboçando as astúcias de interesses e de desejos diferentes.

Traçam “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. (...) Elas circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida (CERTEAU, 1999, p.97).

Outra contribuição importante de Certeau são as considerações referentes ao *saber-fazer* das práticas cotidianas que não recebe legitimidade aos olhos de uma racionalidade produtivista. O autor caracteriza esse conhecimento como *um saber não sabido*; um saber sobre o qual os sujeitos não refletem. Ele não é conhecido senão pelo intérprete que o esclarece, muito embora este tampouco o possua. Nesse sentido, não pertence a ninguém. “Fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não-praticantes, sem pertencer a nenhum. Trata-se de um saber anônimo e



referencial, uma condição de possibilidade das práticas técnicas e eruditas” (CERTEAU, 1999, p.143).

Dessa forma, a característica dominante da vida cotidiana, segundo Heller, é a “espontaneidade”. O comportamento humano, portanto, é uma assimilação de diretrizes ditadas pelos costumes, pelas exigências sociais e pelos modismos. Numa argumentação que parece explicar o *saber-fazer* de que fala Certeau, anota:

Pois se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana (HELLER, 1989, p.30).

Dentre os diversos temas caros ao cotidiano, existe um em especial que é um dos mais recorrentes nos textos da jornalista Eleuda de Carvalho: o modo como nos relacionamos com o passado e o que dele ainda permanece de significativo nos grupos, ou seja, a memória.

A partir das contribuições teóricas citadas de Agnes Heller e de Michel de Certeau, compreendemos que a memória não é uma categoria autônoma do cotidiano, muito pelo contrário. De modo sucinto, assim como é difícil separar comportamentos cotidianos de comportamentos não-cotidianos, também não é tarefa fácil tratar de cotidiano sem falar de memória.

Tendo como referencial teórico as considerações de Henri Bergson, Ecléa Bosi, na obra *O tempo vivo da memória*, defende que a memória permite a relação do corpo presente com o passado, ao mesmo tempo em que interfere no curso atual das representações. “Enquanto a percepção é a interseção do corpo com o mundo, a memória é a conservação que o espírito faz de si mesmo” (BOSI, 2004, p.45).

Em obra citada, Le Goff expõe os usos e as funções da memória em diversas sociedades humanas e a evolução desse conceito na história da cultura ocidental: da Pré-História à Contemporaneidade. Evidenciando a amplitude do conceito, o autor também menciona a utilização do termo memória em áreas como Cibernética e Genética.

Le Goff aponta para a “conversão do olhar histórico” proporcionado pela busca da memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas. De acordo com o autor, essa conversão também é partilhada pelo grande público, que teme a perda da memória e a amnésia coletiva. Nesse sentido, a memória se torna, inclusive, objeto da sociedade de consumo – expressa na *moda retro*.



Ao atribuir à memória coletiva o título de “uma das grandes questões das sociedades desenvolvidas e em vias de desenvolvimento”, o autor trata da relação entre memória e identidade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1994, p.476).

Devido a tal relevância, defende Le Goff, compete aos profissionais científicos da memória – antropólogos, historiadores, jornalistas e sociólogos – o imperativo de fazer da luta pela democratização da memória social um dos “imperativos prioritários da sua objetividade científica”.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1994, p. 477).

Da mesma ideia comunga Ecléa Bosi, pois, segundo ela, recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A pesquisadora das histórias de vida de participantes da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, vai além ao concordar que a memória teria, inclusive, “direitos de cidadania”.

Os urbanistas devem escutar os moradores, estar abertos à sua memória, que é a memória de cada rua e de cada bairro. (...) A sobrevida de um grupo se liga estreitamente à morfologia da cidade; esta ligação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento (BOSI, 2004, p.76).

Expostas as contribuições teóricas pertinentes, detemo-nos agora à análise das reportagens de Eleuda de Carvalho em que o cotidiano é trabalhado sob o ponto de vista dos aspectos memorialísticos.

Em *Navegador de Planetas*, a memória coletiva dos pescadores do Mucuripe é evocada pela narrativa pessoal de José Eremilson Severiano. Ele liderou um grupo de pescadores que decidiu viajar até Brasília com o objetivo de reivindicar aposentadoria para a categoria. Em matéria de primeira página do caderno de cultura *Vida&Arte*, de 10 de janeiro de 1998, o episódio é contado praticamente todo em primeira pessoa pelo próprio José Eremilson.

Além do parágrafo introdutório escrito pela repórter, apenas três fotos seguidas das respectivas legendas ajudam a situar o leitor sobre quem é o personagem colocado



em destaque na matéria. O “olho” da reportagem explica o título do texto, que faz referência a uma frase dita pelo pescador a um capitão pernambucano que o repreendeu por não utilizar a bússola na viagem. Ao que ele teria respondido: “sou um navegador, que navego através dos planetas”.

Nesse texto, a repórter abdica do papel de ordenar o discurso, registrando-o tal qual é dito pelo personagem. Essa característica em si já nos renderia subsídios para atribuir caráter inventivo ao texto, uma vez que na prática do jornalismo convencional é o discurso do jornalista – e não o dos personagens – que conduz a narrativa.

Trata-se, portanto, de um relato cuja única fonte é o próprio relato do jangadeiro. A escolha da repórter pela primeira pessoa representa uma valoração máxima da história de vida do personagem. Afinal de contas, quem melhor pode contar aquela história senão o próprio pescador? Percebemos em *Navegador de Planetas* a dimensão do ‘eu vi, eu senti’ – de que nos fala Le Goff – incorporado à atividade jornalística de forma análoga à forma como é compreendida na História.

No entanto, nem todas as narrativas – por mais significativas que sejam – são passíveis de serem publicadas em jornal de forma tão fiel como ocorre no texto em análise. Não nos cabe aqui investigar em que medida a história do pescador pareceu tão rica à repórter a ponto de levá-la a abdicar do papel de condutora do texto. Assinalamos, porém, o modo peculiar de narrar do pescador José Eremilson como característica que certamente foi levada em conta na decisão de publicar a matéria sob o ponto de vista de seu próprio foco narrativo.

O narrador demonstra ter uma ótima memória, uma vez que cita nomes de pessoas e datas, descreve detalhes das situações por que passou e conta a história de maneira envolvente. Embora com participação textual limitada, não podemos abstrair desse processo o papel da edição que cabe à jornalista – com supressão de trechos e ordenamento de ideias.

Quanto à edição, destacaríamos como recursos que caracterizam a abordagem diferenciada a manutenção de expressões típicas da linguagem oral do personagem e os diálogos que ele trava com pessoas envolvidas no episódio. Essas duas características podem ser observadas no seguinte trecho: “– Sua excelência, aqui tem três litros, dois é seu, um eu dei pro Cysne Lima, ele tomou, melou-se. Ele não ficou mal-satisfeito, não” (O Povo, Fortaleza, 10 de jan. 1998. Editoria Vida&Arte, p. 1B).

Na reportagem *Antes do português: língua de índio e francês* é também a



memória a categoria mais recorrente. Ao falar sobre a constituição do conjunto Nova Assunção, na Barra do Ceará, Eleuda de Carvalho permeia o texto com informações sobre o início da colonização do Estado, ocorrida naquela região. A matéria é publicada no dia do aniversário de Fortaleza, 13 de abril.

Esse processo de referência – pouco recorrente na prática do jornalismo convencional – remete o leitor não só a aspectos históricos, mas também a elementos da vida cotidiana dos personagens ouvidos. Em outras palavras: a jornalista não se perde em divagações didáticas, com meras enumerações de datas ou fatos. Essas informações aparecem no texto de forma relacionada à paisagem e à dinâmica cotidiana locais.

Além das alusões históricas e da referência ao cotidiano da bodega de dona Deusa, a voz da memória da professora Jenny ganha relevo no penúltimo e no último parágrafos. Amparada em declarações da própria personagem, o texto nos sugere a relação entre o sentimento de estranhamento dos moradores – ante a realidade atual do bairro – com a construção da Ponte sobre o Rio Ceará.

‘Os peixes do rio Ceará estão desaparecendo, o siri, o caranguejo. E um dos motivos foi a ponte’, afirma. Jenny lembra da infância, quando ela e os irmãos mal chegavam da escola e tibungavam no mar. Coisa de dar saudade: ‘Ah, colega! Era o melhor banho do mundo...’ [] O que eles querem mesmo é sair deste lugar.

‘Não temos direito a uma pracinha, clube, quadra de esporte. Eu moro arrodada de motéis’, queixa-se ela. São ‘15, mais ou menos’, contabiliza Jenny. ‘Não dá mais pra gente continuar, somos desassistidos’, entrega os pontos. Não sem depois confessar à reportagem: ‘Eu amo este lugar. Nós, moradores antigos, temos amor à Barra’ (O Povo, 13 abr. de 2003, Editoria Fortaleza, p.5).

Interessante notar como, em um só parágrafo, existe espaço para sentimentos díspares de desenraizamento e de pertencimento. Como nos lembra Michel de Certeau, a memória vive no *crer nos possíveis*, e é somente a crença em tempos melhores que pode explicar uma mudança tão ligeira de discurso por parte da professora. Compreendemos, portanto, que a recorrência à memória nos ajuda a explicar tal fenômeno, uma vez que, por meio dela, o sujeito revive momentos significativos de sua história de vida.

A partir das falas da personagem têm-se os embates entre progresso e memória. Nesse contexto, as intervenções da repórter constituem também elementos que interferem no debate. São comentários *au passant*, mas que revelam juízos de valor, como: “Coisa de dar saudade” e “E nem tem mais o fresco do banho de mar”.



Tais trechos revelam o posicionamento da repórter em favor da manutenção de aspectos tradicionais e, por extensão, contra as mudanças trazidas com a construção da Ponte sobre o Rio Ceará. Em outras palavras, trata-se da mobilidade da *cidade real* de que nos fala Angel Rama. Em meio a sucessivas construções e demolições, a experiência cotidiana dos cidadãos é a de estranhamento. Esse aspecto é revelado pela fala da personagem – e a jornalista acompanha o tom de críticas.

Esse rompimento com a objetividade jornalística, por meio da inserção de juízos de valor explícitos, aparece em maior dimensão em dois outros trechos. Anota Eleuda no primeiro e no terceiro parágrafos, respectivamente:

O estaleiro agora são dois, a salina *se acabou*, o caminho do mangue foi aterrado para novas construções. *Sobraram o mar e o pôr-do-sol*. [] Mas, *apesar da modernidade* em concreto armado, algumas coisas por aqui permanecem como há 40 anos (O Povo, 13 abr. de 2003, Editoria Fortaleza, p.5, grifos nossos).

No primeiro trecho, em mais um exercício de liberdade poética, a repórter faz uma crítica velada aos efeitos nocivos do progresso, ao ressaltar que nada escapou à sua passagem, pois as únicas coisas que restaram da antiga paisagem são elementos que nem mesmo ele poderia levar: o mar e o pôr-do-sol.

No segundo trecho, a utilização da conjunção “apesar” elimina quaisquer dúvidas quanto ao posicionamento da repórter a respeito dos embates entre progresso e memória afetiva dos moradores. Ou seja, quer-nos dizer o texto, apesar da Ponte – representada pela metonímia do “concreto armado” –, alguns elementos do passado identificador ainda logram resistir como verdadeiros sobreviventes.

A cidade que dialoga com a memória está novamente presente em *Pastorinhas, ciganos, galegos e o diabo na folia do Zé Taé*. Trata-se de uma reportagem sobre o antigo pastoril do Mucuripe organizado pelo falecido José Jacinto, conhecido por todos como Zé Taé. O texto é escrito a partir das lembranças de moradores do bairro – num trabalho de reconstituição histórica das festividades de outros tempos.

Como é recorrente em Eleuda de Carvalho, o início da reportagem nos remete ao modo tradicional de contar histórias: “Diz quem tem boa memória e viu e viveu, que nunca houve, em Fortaleza, pastoril mais bonito do que o do Mucuripe”.

No trecho em destaque, percebemos também uma nova concordância de Eleuda quanto à relação entre relato histórico e história de vida – nos termos propostos por



Jacques Le Goff em *História e Memória*. Dentre as diversas fontes disponíveis, a repórter coloca a fala dos personagens em destaque.

De volta ao tema da oralidade, identificamos outros trechos do discurso da jornalista que parecem retirados de uma conversa – e não de um texto jornalístico convencional –, como por exemplo: “Zé Taé tinha no sangue era arte”, “uma avenida imensa de larga” e “sem carecer bater palmas”.

O tema da memória, que perpassa todo o texto, permite novos diálogos com a literatura. Eleuda atribui caracteres humanos a objetos e à cidade de outrora, além de criar metáforas para caracterizar as atitudes dos personagens.

O tempo era outro, mais ameno e calmo, na *cidadezinha vestida de chita e sol*. []
Entre buzinas e carros estridentes, chegamos na casa grande, arejada, com jardim de inverno e *móveis que dizem* de toda uma vida. []
(...) ‘tinha os Reis Magos, o Herodes’, vai debulhando os personagens, cutucando os vãos da lembrança. []
(...) uma senhora de sorriso amplo e jeito alegre e sacudido vem chegando (O Povo, 4 jan. 2004, Editoria Vida&Arte, p.5, grifos nossos).

O primeiro trecho, destacado no “abre” da matéria, antecipa ao leitor o clima de rememoração que traspassa a reportagem. Ao evocar de modo tão lírico os antigos reisados, Eleuda demonstra sua filiação à Fortaleza do passado, quando o dia a dia era menos agitado e a cidade vestia-se de simplicidade.

O segundo trecho, retirado do segundo parágrafo, além da dimensão literária, revela os contrastes entre a cidade que se volta para o progresso e a cidade identificadora que resiste. Em meio ao caos urbano, a repórter chega a uma casa onde impera a tranquilidade dos jardins ainda existentes, encontra um local em que estão em voga outras temporalidades: o tempo vivo da memória, como nos diz Ecléa Bosi.

De volta à reportagem, o tom bucólico da descrição do ambiente continua mais a frente, ainda no segundo parágrafo. “Na varanda, dois quadros coloridos retratam cenas do Mucuripe que não existe mais, o farol entre dunas brancas, casinhas de palha, os homens do mar, as mulheres e crianças ao sol. Arte de Verinha Miranda”.

Daí em diante, como é comum em Eleuda, o texto da repórter sai de cena e as aspas dominam o texto. “Cutucando os vãos da lembrança”, como anota a jornalista, os personagens-testemunhas falam do início do pastoril, dos participantes, das roupas e



coreografias usadas, enfim, reconstituem essa significativa época da memória coletiva do Mucuripe e, por extensão, de Fortaleza.

O diálogo entre repórter e entrevistado, com o registro direto de ambos os discursos no texto, é outra particularidade de estilo de Eleuda que também pode ser observada em *Pastorinhas, ciganos, galegos e o diabo na folia do Zé Taé* – e que aproxima o leitor do texto. É criada uma atmosfera intimista em que parecemos participar da conversa “temperada com suco de manga”, como detalha Eleuda.

Lembra das músicas? ‘Da galega eu me lembro bem’. []
Por que a figura do Cão no reisado, Valdelys? ‘É a tentação, né?’, diz ele. []
Quer dizer que tinha uma parte cantada e outra falada? Valmir atalha: ‘Era como um teatro de revista’. []
Durava uma hora a apresentação? Iracema responde, ‘era mais, era mais, era bem umas três horas (...)’. []
Valmir, o Zé Taé era um homem de teatro, intuitivo? ‘Era, era. Era um homem simples mas muito inteligente e muito participativo’. []
E saiu muito namoro, durante esses pastoris? Iracema responde: ‘Saía não, porque eram poucos rapazes que participavam’ (O Povo, 4 jan. 2004, Editoria Vida&Arte, p.5).

A rememoração é a tônica da reportagem. Nesse processo, a afetividade é uma característica que salta dos discursos. “Ô tempo bom!”; “O Mucuripe era uma coisa! Depois que ele morreu, tudo se acabou” e “A gente tem saudade...” são algumas das frases ditas pelos personagens. Segundo Eleuda, o ato de recordar faz com que um dos personagens descreva com tamanho detalhe que “parece que está vendo a cena”.

Em meio a tantas lembranças e declarações de afeto aos tempos de Zé Taé, a repórter certamente não sai imune de tanta nostalgia. Esse sentimento pode ser lido no “abre”, conforme citamos, e em trechos como o que finaliza o texto. “Na minha cabeça, fica rodopiando a frase da Verinha, ‘ô tempo bom’. O que dirá nossa futura saudade deste tempo de agora?” (O Povo, 4 de jan. 2004. Editoria Vida&Arte, p.5).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos em análise nos sugerem a relação intrínseca entre memória individual e memória coletiva na constituição de um saber cidadão. Rompidas as hierarquias, fontes oficiais e relatos testemunhais têm a mesma legitimidade para falar acerca de acontecimentos que marcaram a história da cidade. A visão de mundo que emana dos



textos converge para as teses propostas por Agnes Heller, em *O Cotidiano e a História*, qual seja, a compreensão de que a vida cotidiana é a verdadeira essência da substância social, “centro” do acontecer histórico. Em resumo, Eleuda parece seguir o que defende Agnes Heller. “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” (HELLER, 1989, p. 20).

A experiência do vivido é posta em primeiro plano. A fala, mais que corroborar teses, é o registro histórico de experiências. Tal dimensão relaciona-se à própria constituição da História como ciência, conforme anota Jacques Le Goff em *História e Memória*. “(...) a história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer ‘Eu vi, eu senti’. Esse aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica” (LE GOFF, 1994, p.9).

Nesse contexto, Eleuda subverte a objetividade jornalística em favor de uma leitura da realidade em dimensões humanísticas esgarçadas. Para tanto, contribuem a intensa relação que a jornalista mantém com a cidade em que vive e a humanização das circunstâncias e dos relatos.

Nas reportagens aqui analisadas, Eleuda é repórter que se apresenta ao leitor quando pormenoriza aspectos do momento da pauta – para em seguida se calar diante da singularidade do discurso de um personagem. Quando a pluralidade da cidade que se dá a ler atinge patamares maiores, ela é também atônita, assim como nós. Nesses casos, não há o que se explicar, há apenas o que se contar.

Boas histórias que também se constroem com recursos inventivos de estilo, como a utilização adequada de trechos narrativo-descritivos, o diálogo entre repórter e personagem, o início da reportagem referenciado num modo tradicional de contar histórias e o registro de expressões típicas da linguagem oral.

A jornalista opta pela valoração dos cidadãos porque certamente entende que são eles quem melhor podem dizer sobre Fortaleza. Não à toa, dos discursos desses personagens surgem questões caras às discussões teóricas sobre cidade, cotidiano e memória. Nos textos, podemos encontrar rápidas biografias de personagens que dificilmente teriam suas histórias de vida postas em destaque. Além disso, essas narrativas constituem registros valiosos do cotidiano da cidade de hoje e de outros tempos.

São testemunhos que encontram correspondência em muitos outros sujeitos que habitam o espaço urbano – daí a atmosfera intimista criada pelos textos da jornalista, a



quem cabe a tarefa de “arrumar a sala” onde se dá a conversa leitor-jornalista-personagem. É ela quem dá sentido à polifonia desses fragmentos de mapas urbanos.

Para Angel Rama, enxergar significações naquilo que, para os demais, não passa de significantes sensíveis é tarefa reservada apenas a “espíritos afins”. Em sua função de repórter, Eleuda é um desses espíritos.

Os textos de Eleuda, ao enveredar por essas novas trilhas, lembram ao leitor que a cidade também é sua, a ela também pertence. Tal remissão ao sentimento de pertencimento, encontrado em muitos dos textos, é, a nosso ver, elemento principal para que os cidadãos se apropriem da cidade como sua, numa mudança de atitude que pode contribuir para a transformação de realidades.

Numa época de defesa da lógica tecnicista e do desenvolvimento que não respeita a memória nem o meio ambiente, num período em que os meios de comunicação apegam-se a estatísticas e ao que é cientificamente provado, Eleuda nos apresenta outras dimensões da prática jornalística: a esfera da “experiência do vivido” em sua relação intrínseca com a memória coletiva na constituição de um saber cidadão. A repórter compreende que a vida cotidiana é a verdadeira essência da substância social, é o “centro” do acontecer histórico.

Nesse sentido, em muitos trechos, a repórter compartilha com os personagens ouvidos a afetividade em relação a modos de vida tradicionais. Do mesmo modo, o sentimento de estranhamento diante das contingências da modernidade também é acompanhado pelo texto da jornalista.

Em meio a tanta nostalgia, a repórter certamente não sai imune. Ela conta a cidade, aventura-se por um labirinto de ruas e signos. Nesse passeio, Eleuda é costureira despreziosa de retalhos urbanos. Fazemos nossas encomendas. Ela nos entrega, faceira, a cidade em colcha em nossas mãos.

5 REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória** – ensaios de Psicologia Social. 2.ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica** – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.



CARVALHO, Eleuda de. Antes do português: língua de índio e francês. **O Povo**, Fortaleza, 13 abr. de 2003, Editoria Fortaleza, p.5.

_____, Eleuda de. Pastorinhas, ciganos, galegos e o diabo na folia do Zé Taé. **O Povo**, Fortaleza, 4 jan. 2004. Editoria Vida&Arte, p.5

_____, Eleuda de. Navegador de Planetas. **O Povo**, Fortaleza, 10 de jan. 1998. Editoria Vida&Arte, p. 1B

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade** – Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MEDINA, Cremilda. Jornalismo e Literatura: fronteiras e intersecções. In: **Cadernos de Jornalismo e Editoração**. Volume 11, nº 25. São Paulo: Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), 1990.

MORENO, Júlio. **O futuro das cidades**. Série Ponto Futuro. São Paulo: Editora Senac, 2002.

NORBERTO LUIZ GUARINELLO. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 48, p.13-38, 2004.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROCHA, Pedro. Bordados de uma cabloca (sic) de barro e ferro. Entrevista com Eleuda de Carvalho. **Overmundo**. Fortaleza, 20 nov. 2006. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/bordados-de-uma-cabloca-de-barro-e-ferro>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1988.